

## *Livros, infâncias e materialidades: uma reflexão sobre mediação de leitura*

Camila Feltre<sup>1</sup>

Cristiane Rogério<sup>2</sup>

O LIVRO ILUSTRADO VEM GANHANDO ESPAÇO nas bibliotecas, nas salas de leitura de escolas, no acervo dos professores, nas livrarias e em tantos outros espaços que se propõem a tornar acessível o livro e a literatura às pessoas. Quando falamos sobre “livro ilustrado”, nos aproximamos da ideia que corre em teorias pelo mundo sob o termo em inglês *picture book*. Ou seja, o livro em que texto e imagem contam uma história juntos; o livro em que, se tirarmos o texto e deixarmos apenas a imagem, a narrativa pode ser comprometida ou, se tirarmos a imagem e deixarmos o texto, a história não estará completa; o livro em que o design ou o projeto gráfico ou o suporte que sustenta e apresenta aquela história faz diferença na compreensão, na leitura. São linguagens diferentes que dançam para o leitor, reservando a ele o papel de interpretar, buscar os sentidos ou, como diz o pesquisador e autor de livros Odilon Moraes: “o livro ilustrado é aquele livro ‘em que o leitor desconfia do que lê’ e, assim, precisa ir decifrando a história no diálogo entre as narrativas de texto, imagem e design”<sup>3</sup>.

Tal característica interfere na forma da mediação de leitura, na forma de convidar o leitor à leitura. Diante desta aproximação, deste acesso ao livro, muitas vezes, observamo-nos como objeto de questionamentos e dúvidas provenientes de grande parte das pessoas, geralmente por apresentar características específicas que podem se diferenciar das de tantos outros livros, que normalmente nos parecem mais familiar.

Estes livros apresentam formatos e tamanhos diversos, diferentes formas de encadernação, dobras que permitem distintas leituras ao objeto e, muitas vezes, um conjunto de textos e imagens que podem seguir caminhos diferentes e que propõe uma brincadeira ao leitor. Essas características, que podem parecer desafiadoras para o mediador (mãe, pai, familiar, bibliotecário, professor, livreiro etc.), também podem ser a verdadeira chave de entrada no universo do livro ilustrado. É através dessas “surpresas” ou das formas diferentes de olhar para o livro que entramos no estado investigador, o qual desperta em nós o leitor curioso, mesmo naquele que se considera um leitor maduro. É por meio destas descobertas, saindo do automatismo, que somos surpreendidos, e é esta relação de leitura com o livro que nos atrai e nos motiva a pesquisar. É por esse caminho que teceremos o texto a seguir, trazendo experiências de leituras de livros ilustrados em diferentes situações e contextos.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Artes pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e professora da Pós-Graduação “O livro para a Infância: Processos de criação, circulação e mediação contemporâneos” d’A Casa Tombada/FACON. Email: [cafeltre@gmail.com](mailto:cafeltre@gmail.com)

<sup>2</sup> Coordenadora da Pós-Graduação “O livro para a Infância: Processos de criação, circulação e mediação contemporâneos” d’A Casa Tombada/FACON. Email: [cris.rogerio.cris@gmail.com](mailto:cris.rogerio.cris@gmail.com)

<sup>3</sup> Fala do artista/professor Odilon Moraes durante disciplina “Materialidades do livro: Relações entre Palavra, Imagem e Design na Produção do Livro Contemporâneo” do Curso de Pós-graduação “O livro para a infância: Processos de criação, circulação e mediação contemporâneos”, n’A Casa Tombada, lugar de arte, cultura e educação, em São Paulo.

### *Experiências de leitura: pensando a mediação*

Como professoras de pós-graduação e vivenciando situações de mediação de leitura em diferentes contextos, coletamos algumas histórias referentes aos livros ilustrados para trazer a discussão neste texto. Entendemos a mediação como um processo ampliado de criação, em que o artista, autor e/ou ilustrador cria o livro, e os mediadores caminham com os leitores na criação de sentidos. Assim, desempenham papel importante neste elo entre o livro e suas possíveis leituras e interpretações, um caminho que se constrói junto e que detalharemos mais no decorrer do texto.

Para começar, vale lembrar que, quando falamos sobre experiência de leitura, queremos trazer aqui como personagens principais os leitores, nosso público, e nós como mediadoras, além dele, o livro ilustrado, nosso objeto de estudo. É importante trazer como foco de pesquisa esta relação tríade que está entrelaçada, em que leitor, mediador e livro se encontram. Um está diretamente inter-relacionado ao outro. Ou seja, quando pensamos em mediação, gostaríamos de trazer os fatores que contribuem para essa relação.

Primeiro, falaremos sobre o leitor. Sempre há aquele ao qual o livro se dirige, seja um grupo de crianças ou uma única, seja um adulto ou um grupo de jovens; o público pode variar de faixa etária, quantidade, contexto, sendo, por exemplo, familiar para aquele grupo ou não. Enfim, temos que conhecer nosso leitor ou nossos leitores para pensarmos na mediação.

Conhecido nosso público, é hora de nos debruçar sobre o livro. Para conhecer o livro ilustrado, exige-se muita entrega. É preciso ler, reler, se permitir ser surpreendido e tentar decifrar as suas mais sutis intenções. A partir dele, podemos nos fazer a seguinte pergunta: o que ele pede? Cada livro segue por um caminho. Não há teoria única para o livro ilustrado. Cada um permite que você escolha um trajeto de leitura para seguir.

Por exemplo, o livro *Se eu abrir esta porta agora*<sup>4</sup>, de Alexandre Rampazo, lançado pela Editora Sesi-SP em 2018, nos fornece diversas leituras possíveis a cada mediação. Falando especificamente sobre o nosso trabalho como professoras, em cada encontro com outros formadores de leitores (professores, bibliotecários, autores, editores, etc.), é como se um novo livro abrisse... é como se abrisse “esta porta agora”. Em formato sanfonado, o livro apresenta dois lados de uma mesma narrativa, ou melhor, dois lados de um mesmo quarto, um quarto de criança. De um lado, nos colocamos na perspectiva do menino na hora de dormir e que abre e reabre e abre novamente a porta de um armário – ou quer abrir, ou imagina abrir, ou sonha em abrir – e, a cada virar de página, uma frase e uma ilustração nos dá um cenário diferente.

---

<sup>4</sup> RAMPAZO, Alexandre. *Se eu abrir esta porta agora*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018,s/p.

Figura 1- Imagem do livro *Se eu abrir esta porta agora*.



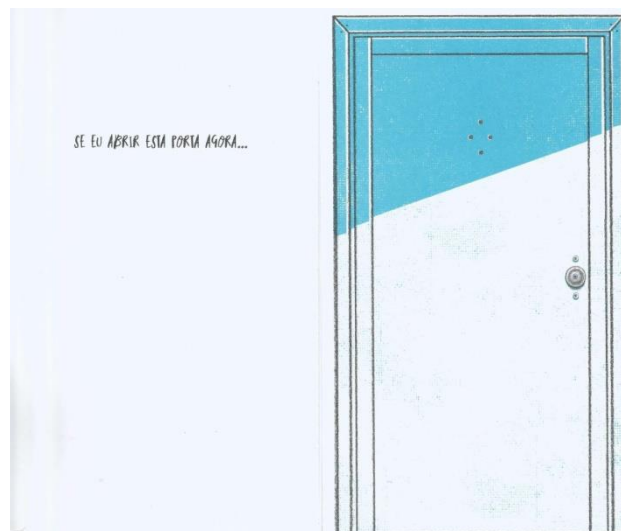
Fonte: RAMPAZO, Alexandre, 2018.

Figura 2- Imagem do livro *Se eu abrir esta porta agora*.

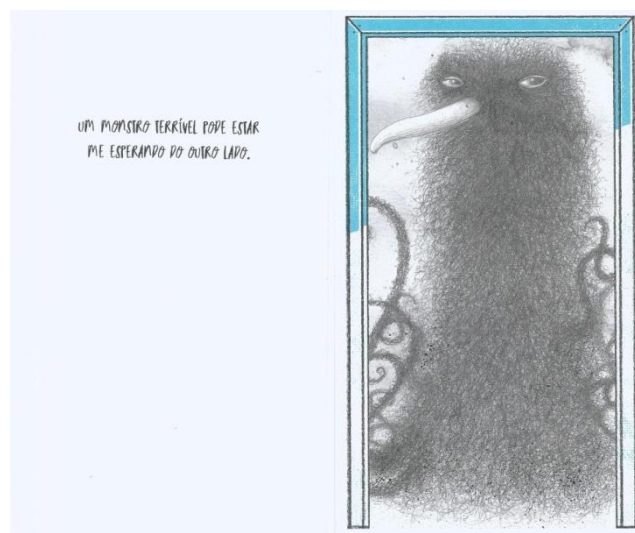


Fonte: RAMPAZO, Alexandre, 2018.

Do outro lado do livro sanfona, a perspectiva é a de um ou vários monstros ou seres fantásticos.

Figura 3 - Imagem do livro *Se eu abrir esta porta agora*.

Fonte: RAMPAZO, Alexandre, 2018.

Figura 4 - Imagem do livro *Se eu abrir esta porta agora*.

Fonte: RAMPAZO, Alexandre, 2018.

Em uma mediação para um grupo de professoras de CEI (Centro de Educação Infantil), por exemplo, elas se deram conta de que, a cada dupla, uma história diferente poderia ser narrada. Ou seja, abrir e fechar o livro não trazia apenas duas perspectivas, mas outras mais, em diálogo com o repertório e a imaginação de cada leitor. Mediando o livro para uma criança em uma noite de Natal, em contexto familiar, fomos surpreendidas pelas possibilidades de Pedro, de 4 anos de idade, se relacionar com o formato. Colocando e esticando levemente o livro e equilibrando-o no chão, abrindo-o devagar, a mediação provocou nele um movimento corporal normalmente não sugerido como “forma de ler”.

Figura 5 - Modos de leitura: “Sanfonar o livro”



Foto: Cristiane Rogerio.

Pedro deitou-se no chão, saltava de um lado para o outro – ora perspectiva menino, ora perspectiva monstro – causando surpresa aos adultos em volta, pouco habituados a esta situação de leitura. Depois, diante da iniciativa da mediadora de dispor o livro como um círculo, a criança imediatamente se colocou no centro, como se estivesse dentro de uma cerca. Passado algum tempo e seguindo o percurso habitual de uma noite de Natal – jantar, troca de presentes, etc. –, Pedro veio convidar: “vamos sanfonar o livro de novo?”. Traduzimos, assim, o verbo “sanfonar” como ato de ler.

Desse modo, esse percurso de leitura está intrinsecamente ligado ao mediador neste encontro entre leitor e livro. Quem é aquele que lê? O que ele quer dizer com sua forma de mediar? Quais habilidades ele tem que podem contribuir para a sua leitura e a do outro? Entendemos a mediação como um percurso, caminho em que traçamos juntos: mediador, leitor e livro. Traçamos o próprio caminho. Ele não existe. O lugar alcançado será a experiência de cada um nesse fazer, pensar, discutir, ler, interpretar, desconfiar, se surpreender, etc. Algo que o criador do livro pode imaginar, mas jamais prever o que acontecerá nestes encontros entre o leitor e o livro.

É a partir desse caminho que construímos a experiência de leitura, que é o que nos interessa quando pensamos em mediação. Experiência, segundo o professor e filósofo espanhol Jorge Larrosa, é “o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”<sup>5</sup>. Ela está intimamente ligada ao sujeito, “algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”<sup>6</sup>.

Assim, a experiência de leitura é algo que nos forma e nos transforma e que nos afeta como ser humano. A experiência, para John Dewey, filósofo norte-americano, é algo que se diferencia dos acontecimentos do dia a dia. Nesse sentido, a experiência se destaca “por ter-se

<sup>5</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 18.

<sup>6</sup> Idem.

distinguido do que veio antes e depois”<sup>7</sup> e se define por “situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como ‘experiências reais’ – aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las: ‘isso é que foi experiência’”<sup>8</sup>. Quantas vezes ouvimos dizer “depois que conheci aquele livro” ou “depois daquela leitura” se referindo à experiência de leitura como algo transformador no leitor? Essa experiência não está ligada ao excesso de informação. Para Larrosa, a informação é contrária à experiência, nos impedindo de fato que ela aconteça. Para ele

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça.<sup>9</sup>

Com isso, para que a experiência de leitura aconteça, podemos pensar no tempo e no espaço como características fundamentais.

### *Tempo e espaço da leitura*

Sendo o livro ilustrado esse objeto cheio de mistérios e segredos a serem desvelados, o tempo que precisamos é outro. Nos referimos aqui ao tempo de presença, de estar inteiro, de estar junto com o outro. Um livro ilustrado é aquele cujas imagens, palavras e materialidades são lidas em conjunto, pois apenas faz sentido se for em conjunto. Para Odilon Moraes, pesquisador e artista do livro ilustrado

a fruição se dá aos poucos, desenha-se na horizontalidade do tempo, página à página, na soma dos instantes. Esses instantes, por sua vez, só podem ser inteiramente compreendidos à sombra da página lida anteriormente e na expectativa da página seguinte.<sup>10</sup>

Como exemplo, podemos pensar sobre a leitura do livro *Ter um patinho é útil*<sup>11</sup>, da autora argentina Isol, lançado pela primeira vez no Brasil pela Editora Cosac Naify e, em 2018, pela Sesi-SP. Com formato sanfonado, nas cores azul e amarelo, o livro apresenta duas versões da história: de um lado, a versão do patinho, e, de outro, a do menino. De um lado, a cor azul, do outro, a amarela. A grande descoberta é: diferentemente do livro *Se eu abrir esta porta agora...*, neste, as imagens são as mesmas, apenas o texto muda, o que causa grande surpresa quando viramos o livro e percebemos que há duas versões para as mesmas imagens.

<sup>7</sup> DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Editora, 2010, p. 111.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>9</sup> LARROSA, J. *Op.cit.*, p.19.

<sup>10</sup> MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 161.

<sup>11</sup> MISENTA, Isol. *Ter um patinho é útil*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018, s/p.

Figura 6- Imagem do livro *Ter um patinho é útil.*

Fonte: MISENTA, Isol, 2018.

Figura 7- Imagem do livro *Ter um patinho é útil.*

Fonte: MISENTA, Isol, 2018.

Se pensarmos nas escolhas que envolvem o livro, podemos considerar que o formato sanfonado contribui para a surpresa: ao virá-lo, vemos que a história tem outro lado, literalmente. Literariamente. O livro apresenta outro lado, a história também. A escolha do material também influencia. Se o livro *Se eu abrir esta porta agora...*, que é mais alto e mais leve, cai, tem que ser arrumado, tocado mais vezes, cuidado. Enquanto isso, o livro *Ter um Patinho é útil* é cartonado e também contribui para outras leituras: se o abrimos e colocarmos no chão, ele parece firme, fica seguro, podendo ser objeto de brincadeiras para as crianças e de manipulação para o bebê, que se vê patinho, se vê menino.

Em uma oficina realizada no SESC Campinas para crianças de 0 a 6 anos, a menina se envolve no livro, escolhe o lado – o do patinho ou o do menino? – e brinca de casinha. Abre,

fecha, se encolhe, levanta, etc. Desse modo, o livro agora vira casa, abrigo da brincadeira, leitura a ser descoberta com o outro.

Figura 8- Oficina realizada no SESC Campinas em novembro de 2016.



Foto: Gabriela Feltre.

### *Intimidade*

Atuando como proponentes de encontro realizado n'A Casa Tombada<sup>12</sup>, convidamos os participantes – entre eles, professores, educadores, ilustradores, editores, autores de livros – a pensar e discutir acerca de livros para a infância e suas materialidades. Em meio às reflexões compartilhadas, a palavra “intimidade” criou grande impacto e desdobramento. Conversamos durante mais de duras horas sobre o “enfrentar o livro”. Neste termo, estava imbuída não apenas a acessibilidade no sentido de “ter livros à disposição”, mas também o sentir-se permitido a manipular o livro e a chancela de que, muitas vezes, o adulto necessita, com receio de não fazer “corretamente” a leitura, de o livro cair das mãos, rasgar, etc. São receios que as crianças não têm, mas que adultos – inclusive os próprios mediadores deste encontro leitor-livro – admitiram ter vivido em algum momento de suas vidas. A “intimidade” aqui, para nós, é processo, é construção, que envolve a permissão para tocar em um livro, e não a sacralização do objeto, da arte e do conhecimento como instrumento de ascensão e poder.

Portanto, a relação esperada de um mediador – o convite a algo que se conhece, o “venha que é bom” – é praticamente nula se ele não tiver intimidade com aquele objeto. Para a atriz, contadora de histórias e pesquisadora Letícia Liesenfeld, acima de tudo, é essencial que o adulto se conecte ao livro antes de apresentá-lo à criança. Ela diz o seguinte: “Quando trabalhei em oficinas com famílias com bebês nas redes de bibliotecas em Portugal, a primeira coisa que eu pedia para as pessoas é que pegassem nos livros, examinassem pequenas falhas, cheirassem...”<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Encontro “Livros, infâncias e materialidades” realizado dia 23 de janeiro de 2019 durante programação de férias d’A Casa Tombada.

<sup>13</sup> ROGERIO, Cristiane. *Literatura infantil para pegar, virar, sentir...* Revista Crescer, 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Diversao/Livros/noticia/2018/06/literatura-infantil-para-pegar-virar-sentir.html>. Acesso em 18 fev. 2019.



Em vez de ficar na frente da criança dizendo a ela como fazer, a especialista sugere que o mediador vá por trás dela ou a coloque no colo, “até para ensinar a pressão ideal para virar as páginas, algo que é bem complexo para os pequenos”<sup>14</sup>.

Podemos ver essa necessidade de relação material com o livro, o desejo de ler um livro “seu”, nesta passagem de *Felicidade Clandestina*<sup>15</sup>, de Clarice Lispector, quando a menina finalmente recebe em mãos um desejado exemplar de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato<sup>16</sup>.

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração estarrecido, pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menininha com um livro: era uma mulher com seu amante.<sup>17</sup>

### *O desejo de ler pela forma de ler*

Estas vivências com o objeto nos levam a citar um dos grandes mestres do mundo nestas experimentações: o designer italiano Bruno Munari. Decidido a promover outra relação e uma possível mudança em uma sociedade pouco leitora, ele cria uma série de projetos com crianças, como os *Pré-Livros*, livros pequenos construídos com materiais diferentes, promovendo diferentes sensações visuais e também táteis. Como ele mesmo explica na publicação *Das coisas nascem coisas*<sup>18</sup>, um é de papel costurado com pontos metálicos, como um caderno, o outro é de cartão de couro, grosso, preso com cordel; um é de tecido de espuma agrafos de plástico e outros tantos materiais.

[...] esses livrinhos não são mais do que estímulos visuais, táteis, sonoros, térmicos, materiais. Devem dar a impressão de que os livros são objetos assim, com muitas surpresas dentro. A cultura é feita de surpresas, isto é, daquilo que

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1971, p. 11-12.

<sup>16</sup> Aproximadamente uma edição de 1931, quando o autor lança pela primeira vez esta versão da história pela editora Companhia Nacional, reunindo “A Menina do Narizinho Arrebitado”, “O Noivado de Narizinho”, “Aventuras do Príncipe”, “O gato Félix”, “Cara de Coruja”, “O irmão de Pinóquio”, “O Circo de Escavalinho”, “A pena de papagaio”, “Peter Pan” e “O pó de pirlimpimpim”. Faz parte da série/coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, Literatura Infantil.

<sup>17</sup> LISPECTOR, C. Op. cit., p. 11-12.

<sup>18</sup> MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

antes não se sabia, e é preciso estarmos prontos a recebê-las, em vez de rejeitá-las com medo de que o castelo que construímos desabe.<sup>19</sup>

E continua:

Cada livro traz uma mensagem diferente: no vermelho vê-se um homenzinho estilizado, em pé, que, quando se vira a página, dá uma cambalhota e fica de novo em pé, ao se virar o livro ao contrário. O livro verde tem formigas, uma ou duas por página, em posições diferentes, como se fossem vistas de cima, no centro; há buracos redondos através dos quais se vê outras formigas. O livro de madeira tem incisões verticais e horizontais, perceptíveis ao tato; fechando-o rapidamente, produz um som parecido com o das castanholas.<sup>20</sup>

Figura 9- Foto dos *Pré-Livros*.



Fonte: MUNARI, Bruno, 2011. Foto: Camila Feltre.

Tais obras permitem que o livro seja experimentado já nos primeiros anos de vida como algo prazeroso, que instiga a curiosidade e que estimula os sentidos. Desta forma, podemos pensar que a intimidade com o livro e que a memória afetiva com ele pode ser construída pela leitura de sua materialidade, ou seja pela experiência sensorial com seus diferentes formatos, materiais, texturas, cheiros, sons.

Para tanto, como dissemos acima, o papel do mediador se torna ainda mais fundamental. Não queremos dizer aqui que ele tem que seguir regras ou nunca cometer falhas ou imprudências. O termo “fundamental” é empregado fazendo referência à importância de fundamentar esta relação, de sua essência, e o reconhecimento disto pode dar potência e, ao mesmo tempo, leveza a este encontro, que, muitas vezes, está embaçado pela obsessão por resultados. Falamos aqui, novamente, de leitura. Ou de escuta?

A pedagoga, escritora e editora argentina María Emília López, nos lembra que “o trabalho com bebês e crianças pequenas exige que as pessoas responsáveis aprendam a ler crianças, uma

<sup>19</sup> Ibidem, 226.

<sup>20</sup> Ibidem, 228

das tarefas mais complexas que podemos imaginar. Ler entrelinhas, ler entre gestos, ler marcas do tempo ou ler sem palavras”<sup>21</sup>. E complementa:

Um bebê de seis meses que tem uma relação fluida com os livros não é ainda um leitor convencional: lê seu livro chupando-o, sacudindo-o, de trás pra frente ou sem uma ordem ao folhear; no entanto, seus sentidos estão alertas e são capazes de perceber qualquer forma, cor, textura, a relação entre palavra e imagem que o adulto fornece, o sentido musical da linguagem. Ou seja, além da apropriação poética das palavras, da língua do relato, da narração, acrescenta a possibilidade de percepção visual e organizativa da imagem, assim como aquilo que não é tátil, nem visual, nem auditivo, mas que ocorre em outro nível da sensibilidade, que é afetivo e intraduzível, muitas vezes. Um bebê que folheia e puxa para frente e para trás um livro literário com interesse está imerso, então, no território da arte.<sup>22</sup>

A observação da criança com o objeto-livro pode nos trazer mais informações do que imaginamos, pois vamos entendendo melhor os indivíduos e suas relações com a leitura. É um desafio para nós, por exemplo, entender por que tantos pré-adolescentes e adolescentes abandonam a leitura já praticada na infância. Uma das hipóteses sempre aponta para o lado social, ou seja, a leitura como um ritual que, ao longo da infância, se dá em dupla (com um adulto) ou em grupo (adultos e pares) e que, em determinado momento da apropriação da leitura e da escrita – alfabetização e letramento –, passa a ser somente uma tarefa ou prática individual. No entanto, os humanos são seres que compartilham. Como podemos pensar em não perder com o passar do tempo essa leitura que acontece no coletivo, junto ao outro?

Outro abandono sofrido – e isso, no Brasil, após esta revolução de possibilidades gráficas vividas nas últimas décadas com livros incríveis produzidos aqui – é a questão do lugar da materialidade nos livros. Muitas vezes, percebemos a atribuição de uma importância maior ao texto escrito no processo de criação do livro, esquecendo-se do livro como objeto, que contém características que são próprias do livro e que participam da narrativa, como: formato, margem, tamanho, ritmo, encadernação. Essa materialidade presente nos livros está presente em tudo o que nos rodeia, e não nos atentar a isto é esquecer ou deixar de lado que somos seres das materialidades. O editor mexicano Daniel Goldin nos avisa que “a relação com os livros não começa com a leitura, e os livros não servem somente para ler. São objetos carregados de valores afetivos, são objetos que cheiram, pesam, têm texturas, que são associados a vozes e pessoas, que geram situações e que as recordam”<sup>23</sup>.

Assim, o livro pode estabelecer relações e criar sentidos pelo próprio objeto, como afirma o estudioso francês Michel Melot, que vem ao lado da defesa do livro “em papel”:

Há diversas maneiras de amar os livros, e o amor à leitura não pode ser a principal. Não estando o amor aos livros completamente submetido à leitura, como se costuma pensar, ele bem poderia sobreviver aos computadores. Pelo menos, é o que nos ensinam os mais aguerridos defensores, a saber, que o livro não é um objeto para o uso da razão, mas um objeto sobre o qual se guarda uma

---

<sup>21</sup> LÓPEZ, María Emilia. *Um Mundo Aberto – Cultura e Primeira Infância*. São Paulo: Selo Emília, 2018, p. 110.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> GOLDIN, Daniel. *Os Dias e os Livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p. 122.

paixão. Ele poderia, porventura, sobreviver por suas qualidades funcionais, estas mesmas que outros suportes não possuem.<sup>24</sup>

### *A idade do leitor, a idade da infância*

Podemos considerar que o livro ilustrado destinado ao público infantil vem ganhando mais espaço. Isto quer dizer que podemos observar maior liberdade e ousadia nos projetos gráficos de livros considerados, a princípio, para as crianças. Mas será mesmo este público o seu único destinatário?

Durante experiência de leitura realizada em duas oficinas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa de mestrado *Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis*<sup>25</sup>, podemos observar leituras profundas e diversas interpretações do livro *Espelho*, da autora coreana Suzy Lee<sup>26</sup>. Em uma oficina, havia um grupo de adultos na biblioteca Álvares de Azevedo; na outra, crianças na Fábrica de Cultura Jardim São Luís. Em ambos os contextos, o livro pôde ser lido, explorado, investigado por seus leitores. Em cada ambiente, a partir dos seus repertórios, os leitores foram criando os seus sentidos para o livro.

Assim como em *Espelho*, as obras *Sombra*<sup>27</sup> e *Onda*<sup>28</sup>, que formam a trilogia da autora, são consideradas livros “para todas as idades”. A própria autora considera que “não faz sentido dizer que alguém cria livros ‘para’ crianças; ou, ao contrário, que as ‘ignora’ totalmente, ao tirar partido dos resultados do suporte que foi desenvolvido graças a elas”<sup>29</sup>. E acrescenta que “a verdade que alcança as crianças sempre alcança os adultos, mas o oposto não é verdadeiro”<sup>30</sup>, pois estamos falando de uma linguagem que toca na infância de cada um, infância essa que habita todos os seres. Entretanto, para lidarmos com esta premissa, precisamos tocar em nossos conceitos de infância. Para ilustrar, citamos o escritor moçambicano Mia Couto, segundo o qual

Tudo começa aí, na infância. A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo.

A verdade é que mantemos uma relação com a criança como se ela fosse uma menoridade, uma falta, um estado precário. Mas a infância não é apenas um estágio para a maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós.<sup>31</sup>

Nesse mesmo encontro, lemos *O passeio*<sup>32</sup>, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazzo, lançado pela Editora Gato Leitor, para os participantes do encontro. Compartilhamos a leitura,

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> FELTRE, Camila. *Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis*, 2015, 295 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132012>>.

<sup>26</sup> LEE, Suzy. *Espelho*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, s/p.

<sup>27</sup> LEE, Suzy. *Sombra*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, s/p.

<sup>28</sup> LEE, Suzy. *Onda*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, s/p.

<sup>29</sup> LEE, Suzy. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 161-162.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 103-104.

<sup>32</sup> LUGONES, Pablo; RAMPAZZO, Alexandre. *O passeio*. São Paulo: Gato Leitor, 2017, s/p.

que envolveu tempo, suas pausas, concentração, respiros, silêncios e falas. As páginas compridas que “demoram para virar” nos fizeram passear junto com os personagens do livro: uma menina e seu pai em um passeio de bicicleta. Muitos sentidos foram criados a partir da leitura. Para nós, naquele dia, o livro provocou leituras como dor, perda, curso da vida, enfim, diálogos e interpretações para a história contada. O texto narra um passeio de bicicleta, mas, com as imagens, podemos sentir um passeio pela vida: as ilustrações e o projeto gráfico constroem a metáfora do inevitável da vida, com seus fins e começos. O impacto da leitura, seguindo o ritmo proposto pelo design da leitura horizontal, na qual podemos ver o movimento de pai e filha andando na bicicleta, foi irresistível. Em lágrimas, não foi necessária muita explicação.

### *Para continuar pensando*

Afinal, por que pensar a materialidade dos livros ilustrados no processo de criação e mediação? Por que a leitura com livros ilustrados pode ser tão importante para nossa formação como leitor e ser humano? Esse tipo de livro e sua leitura nos convida ao toque, ao estímulo dos sentidos e à presença real. Não há como não “estar” ali na leitura. Ele nos lembra que precisamos de tempo e espaço para a experiência de leitura e que o caminho de mediação construímos com o outro. Só junto a ele, podemos explorar as leituras do livro ilustrado, nos abrindo às diversas formas e desejos de ler o objeto. Ele está sempre a ser descoberto, basta um novo olhar para desvendar outras formas de ver, abrir, fechar, brincar e sanfonar.

Essa materialidade presente nos livros nos convida a pensar na materialidade da vida, dos espaços, da forma com que nos comunicamos com o outro. É isto o que nos interessa nos livros: recuperar um tempo de leitura, pausa, concentração, páginas compridas que “demoram para virar”. De acordo com o que ouvimos da autora Eva Furnari em palestra n’A Casa Tombada em setembro de 2018,

A gente quer que nossas crianças leiam, mas será que nós temos tempo para ler? O tempo da leitura é como andar de bicicleta. O tempo da internet é como andar de avião a jato. E a nossa alma não anda de avião a jato. Luto, cotidianamente, para sentar e esperar a alma chegar.<sup>33</sup>

Toda essa descoberta e espírito investigador em relação ao livro só é possível na intimidade com ele, que muito tem a ver com acesso aos livros. E acessibilidade não se limita a compras e prateleiras. Acessibilidade é convite à leitura em um jogo de sedução e escuta, de direito de ter acesso a livros para exercer o direito de escolher sua leitura. Cabe ao mediador deste encontro abrir as possibilidades a partir de sua própria intimidade e conexão como leitor, entregando-se à diversidade de maneiras de ler literatura, de compreender narrativas, de mãos dadas com a leitura do outro.

### *Referências Bibliográficas*

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

---

<sup>33</sup> FURNARI, Eva. *Reflexão, acolhimento e resistência pela leitura*. Encontro n’A Casa Tombada para o ciclo Como Nasce o Desejo de Ler. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://acasatombada.com.br/encontro-com-eva-furnari-reflexao-acolhimento-e-resistencia-pela-leitura>>. Acesso em 15 fev. 2019.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Editora, 2010.

FELTRE, Camila. *Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis*, 2015, 295 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132012>>.

FURNARI, Eva. *Reflexão, acolhimento e resistência pela leitura*. Encontro n'A Casa Tombada para o ciclo Como Nasce o Desejo de Ler. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://acasatombada.com.br/encontro-com-eva-furnari-reflexao-acolhimento-e-resistencia-pela-leitura>>. Acesso em 15 fev. 2019.

GOLDIN, Daniel. *Os Dias e os Livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LEE, Suzy. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1971.

LÓPEZ, María Emilia. *Um Mundo Aberto – Cultura e Primeira Infância*. São Paulo: Selo Emília, 2018.

LUGONES, Pablo; RAMPAZO, Alexandre. *O passeio*. São Paulo: Gato Leitor, 2017.

MELOT, Michel. *Livro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

MISENTA, Isol. *Ter um patinho é útil*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

RAMPAZO, Alexandre. *Se eu abrir esta porta agora*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

ROGERIO, Cristiane. *Literatura infantil para pegar, virar, sentir...* Revista Crescer, 2018. Disponível em <<https://revistacrescer.globo.com/Diversao/Livros/noticia/2018/06/literatura-infantil-para-pegar-virar-sentir.html>>. Acesso em 18 fev. 2019.

Enviado em: 25 de fevereiro de 2019.

Aceito em: 13 de maio de 2019.